

Para a História dos Encontros sobre Riscos Naturais realizados em Coimbra

Fernando Rebelo

Herdeiros das quatro Semanas de Geografia Física, efectuadas anualmente entre 1988 e 1991, e do Encontro de Climatologia e Hidrologia que teve lugar em 1992, os Encontros sobre Riscos Naturais iniciaram-se em 1993. Dos quatro primeiros, a que se acrescentava “urbanos”, e do quinto demos notícia na *Territorium* (F. REBELO, 1996; F. REBELO, 1997, F. REBELO, 1999).

No ano em que se realiza o décimo Encontro, parece importante lembrar o que foram os anteriores, muito particularmente os últimos.

O VI Encontro sobre Riscos Naturais realizou-se em 15 de Dezembro de 1999, no final de um ano em que muito se discutiu o problema da eventual instalação da co-incineração de lixos tóxicos na fábrica de cimento de Souselas. Por isso, na sessão de abertura, não pude deixar de me referir ao tema numa intervenção com o título de “A hipótese de co-incineração de lixos tóxicos em Souselas e os ensinamentos da Geografia Física: riscos de poluição atmosférica”.

As comunicações que se seguiram, foram, como habitualmente, bastante diversificadas. Da parte da manhã, o Professor Antunes do Carmo, do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, falou sobre “*Tsunamis*: geração e riscos”, o geólogo Alberto Mota Gomes, professor do Instituto Superior de Educação de Cabo Verde, tratou de “Riscos vulcânicos: o caso do Vulcão da Ilha do Fogo de Cabo Verde”, e a Professora Maria José Roxo, do Departamento de Geografia e Planeamento Regional da Universidade Nova de Lisboa, falou sobre “A cultura do trigo e a degradação dos solos na margem esquerda do Guadiana”. Da parte da tarde, o geógrafo Raimundo Quintal, então Vereador do pelouro do Ambiente, Educação e Ciência da Câmara Municipal do Funchal, hoje Professor da Universidade da Madeira, debruçou-se sobre “O Parque Ecológico do Funchal e a prevenção de cheias e incêndios florestais”, a Professora Celeste Coelho, do Departamento de Ambiente e Ordenamento do Território, da Universidade de Aveiro, tratou do “Risco de desertificação”, dando como exemplo o que se passa no Norte de África, e Adélia Nunes, então ainda Assistente Estagiária, hoje Assistente, do Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, falou sobre “O risco de incêndio florestal e a prática da pastorícia em 4 concelhos da Serra da Estrela: tentativa de correlação”.

No dia 27 de Outubro de 2000, realizou-se o VII Encontro sobre Riscos Naturais, tendo aproveitado a

sessão de abertura, para, na qualidade de Presidente da Comissão Organizadora, falar da evolução destes encontros que, até aí, já tinham movimentado 35 especialistas como palestrantes, dos quais 10 estrangeiros. Seguiram-se as comunicações, em número de sete, apresentadas por sete geógrafos.

A primeira comunicação da manhã foi a da Professora Yvette Veyret, então da Universidade de Paris VII (Jussieu), hoje da Universidade de Paris X (Nanterre), intitulada “Les risques en montagne. Avalanches”. Falou depois o Professor Jurandy Ross, da Universidade de São Paulo (USP) sobre “Inundações e deslizamentos em São Paulo: Riscos da relação inadequada Sociedade-Natureza”. Seguiu-se Virgínia Teles, Assistente da Universidade do Minho, que tratou de “Riscos Naturais e Sociedade”, expondo um caso concreto de percepção de riscos que estudou no concelho de Braga.

Da parte da tarde, a Professora Ana Monteiro, da Universidade do Porto, debruçou-se sobre “A percepção do risco climático nas sociedades modernas”, fazendo “Uma reflexão em torno do papel do Homem na ocorrência de precipitação ao fim de semana”, o Professor Itaborá Velasco Nascimento, da Universidade Católica de Goiás, apresentou uma comunicação intitulada “Cerrado: o fogo como agente ecológico”, o Professor Casildo Ferreras Chasco, da Universidade Complutense de Madrid, apresentou uma outra sob o título de “Los incendios forestales en España: Panorama actual e interés de los tipos de tiempo para conocimiento del riesgo de grandes incendios” e o Professor Luciano Lourenço, do Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tratou de uma questão incómoda, “Os incêndios florestais em Portugal: uma fatalidade?”

No final dos trabalhos ficou no ar a ideia de que o Encontro sobre Riscos Naturais do ano 2000 tinha atingido um nível bastante elevado e difícil de ultrapassar nos próximos anos.

O VIII Encontro sobre Riscos Naturais, realizado a 19 de Outubro de 2001, felizmente, veio provar que é sempre possível ir mais longe, como mostraram os nove geógrafos e os dois geólogos envolvidos. O chuvoso Inverno de 2000/2001 provocou diversas crises graves, em especial no respeitante a inundações. Os problemas relacionados com as suas características serviram de mote para a nossa apresentação de abertura – “A vulnerabilidade como causa fundamental dos prejuízos das inundações do último inverno no Baixo Mondego”.

Da parte da manhã, o Professor Augusto Perez Alberti, da Universidade de Santiago de Compostela, referiu-se às consequências do mesmo Inverno, tal como se verificaram um pouco por toda a Galiza, o Professor José Bueno Conti, da Universidade de São Paulo (USP), tratou dos “Riscos naturais na região tropical brasileira” e o Professor Ilídio do Amaral, Professor jubilado da Universidade de Lisboa, falou de “Luanda entre dois arcos complexos de riscos: o da restinga e o das barrocas”.

Da parte da tarde, três Professores da nossa Universidade debruçaram-se sobre o Inverno de 2000-2001. Nuno Ganho, por exemplo, caracterizou a situação climática então vivida. Lúcio Cunha, tratando da área de Coimbra, teceu “Considerações sobre riscos naturais num espaço de transição”, analisando cheias e movimentos de materiais em vertentes. Pedro Proença Cunha, geólogo, do Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia, falou dos “Efeitos das cheias de Janeiro de 2001 no estuário do Mondego”.

Igualmente com exemplos concretos, O Professor António Pedrosa, da Universidade do Porto, tratou de movimentos em massa no Norte de Portugal, salientando a importância do homem no seu desencadeamento. A cartografia do risco foi tratada por dois Assistentes da nossa Universidade – A. M. Rochette Cordeiro, para a área de Arouca, e J. Gomes dos Santos, para as áreas da Régua, Mesão Frio e Santa Marta de Penaguião.

Por fim, Domingos Rodrigues, geólogo, Assistente da Universidade da Madeira, apresentou uma comunicação intitulada “Instabilidade de vertentes em ambientes insulares e sua implicação no ordenamento do território e em gestão de emergência, referindo-se a casos que estudou na ilha da Madeira e em Timor”.

Finalmente, em 22 de Novembro de 2002, realizou-se o IX Encontro sobre Riscos Naturais. E começou por um tema teórico, mas recheado de numerosos exemplos práticos – “Para uma cultura dos riscos”, apresentado por António Amaro, Mestre em Sociologia,

Director da Escola Superior de Saúde do Alcoitão. Ainda da parte da manhã, seguiram-se intervenções de António Alberto Farias Castro, biólogo, Professor da Universidade Federal do Piauí (Teresina, Brasil), que falou de “Biodiversidade e riscos antrópicos no Nordeste do Brasil”, e do Engenheiro José Pedro Tavares que se referiu aos “Riscos Naturais na Alcobaca Cisterciense”.

Da parte da tarde, o Inspector Gil Martins, do Serviço Nacional de Bombeiros, falou do “Dispositivo de combate a incêndios florestais em Portugal”, e os geógrafos, Professores António Vitte, da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil (UNICAMP), falou sobre “O Litoral Brasileiro – a Valorização do Espaço e os Riscos Naturais”, Carlos Bateira, da Universidade do Porto, debruçou-se sobre “A urgência da cartografia dos riscos naturais e os problemas da sua elaboração” e Luciano Lourenço encerrou os trabalhos com uma comunicação que visava enquadrar toda a problemática dos incêndios florestais no contexto da teoria do risco.

Cada um dos Encontros sobre Riscos Naturais aqui lembrados teve uma assistência próxima dos 450 participantes, oriundos de áreas diversas. Embora com o predomínio dos geógrafos, estiveram connosco geólogos, biólogos, arquitectos, engenheiros civis, engenheiros mecânicos, engenheiro geólogos, engenheiros do ambiente, etc. A maior parte das comunicações apresentadas nos Encontros tem vindo a ser publicada nas páginas desta revista.

Referências bibliográficas

- REBELO, Fernando (1996) – “Encontros sobre Riscos Naturais Urbanos em Coimbra”. *Territorium*, 3, p. 59-60.
- REBELO, Fernando (1997) – “IV Encontro sobre Riscos Naturais Urbanos em Coimbra”. *Territorium*, 4, p. 143-144.
- REBELO, Fernando (1999) – IV e V Encontros de Coimbra sobre Riscos Naturais”. *Territorium*, 6, p. 65-66.